

Capítulo I

Quando se tratava de ocultar o que o preocupava, Tommy Wilhelm era tão capaz como qualquer outro. Ou, pelo menos, era o que julgava e havia uma boa quantidade de provas a confirmá-lo. Outrora, fora ator — não, não propriamente, mais um figurante — e sabia bem o que deveria ser representar. Além do mais, estava a fumar um charuto, e quando um homem fuma um charuto tem uma vantagem: é mais difícil descobrir como se sente. Desceu, vindo do vigésimo terceiro andar, até ao átrio, situado na sobreloja, para recolher o correio, antes do pequeno-almoço, e julgava — esperava — estar com bom aspeto: estar bem. Tratava-se de pura esperança, porque não havia muito que ele pudesse acrescentar ao esforço atual. Esperou que, no décimo quarto andar, seu pai entrasse no elevador; encontravam-se muitas vezes a essa hora, na ida para o pequeno-almoço. Se se preocupava com a aparência, era sobretudo por causa do velho pai. Mas não houve paragem no décimo quarto e o elevador foi descendo. Então, a porta abriu-se suavemente e a tapete vermelho-escura irregular que cobria o átrio ondeou em direção aos pés de Wilhelm. À sua frente, estava o átrio, escuro, sonolento. Cortinas semelhantes a velas evitavam a penetração do sol, mas havia três janelas altas e estreitas que estavam abertas e Wilhelm viu no céu azul um pombo que se preparava para levantar voo da grande corrente que suportava o toldo da sala de cinema que ficava precisamente debaixo do átrio. Por um momento, ouviu as asas a bater fortemente.

A grande maioria dos hóspedes do Hotel Gloriana já passara a idade da reforma. Uma grande parte da enorme população de velhos e velhas de Nova Iorque vive ao longo da Broadway, nas Setentas, Oitentas e Noventas. Se o tempo não estiver demasiado frio ou húmido, enchem os bancos dos pequenos parques vedados e junto às grades das estações de metropolitano de Verdi Square a Columbia University, invadem as lojas e cafetarias, os armazéns de pechinchas, os salões de chá, as padarias, os institutos de beleza, as salas de leitura e os clubes. Wilhelm sentia-se deslocado entre os velhos do Gloriana. Era relativamente novo, andava pelos quarenta, grande e louro, com ombros largos; as suas costas eram maciças e fortes, embora já estivessem um pouco curvadas ou tensas. Depois do pequeno-almoço, os velhos hóspedes sentavam-se nos cadeirões de couro verde e nos sofás do átrio e começavam a coscuvilhar ou a ler os jornais; só lhes restava esperar que o dia passasse. Mas Wilhelm estava habituado a uma vida ocupada e gostava de sair energeticamente pela manhã. E, durante vários meses, porque não tinha emprego, mantivera o moral levantando-se cedo; às oito horas, já estava barbeado e no átrio. Comprava o jornal e alguns charutos e bebia uma ou duas *Coca-Colas*, antes de ir tomar o pequeno-almoço com o pai. Depois do pequeno-almoço — rua, rua, rua, para tratar dos negócios. O sair acabara por se transformar no próprio negócio. Mas já compreendera que este estado de coisas não poderia manter-se durante muito mais tempo e hoje tinha medo. Tinha consciência de que a sua rotina estava prestes a quebrar-se e sentia que se aproximava um grande problema, há muito pressagiado. Sabê-lo-ia antes da noite.

Mesmo assim, manteve a prática diária e atravessou o átrio.

Rubin, o homem do quiosque de jornais, tinha uma vista pobre. Talvez não fosse propriamente fraca, mas os seus olhos eram pobres em expressão, com umas pálpebras rendilhadas que encarquilhavam nos cantos. Vestia bem. Não parecia ser necessário — durante a maior parte do tempo estava atrás do balcão —, mas vestia muito bem. Trazia um fato castanho de qualidade; as mangas colidiam com os pelos das suas mãozinhas. Usava uma gravata pintada *Countess Mara*. Quando Wilhelm se aproximou, Rubin

não o viu; olhava, sonhador, para o Hotel Ansonia, que se avistava do seu canto, a vários quarteirões de distância. O Ansonia, o maior monumento da vizinhança, foi construído por Stanford White. Parece um palácio barroco de Praga ou Munique, ampliado cem vezes, com torres, cúpulas enormes, bojos e bolhas de metal que a oxidação tornou verdes, talha em ferro e festões. Negras antenas de televisão encontram-se densamente plantadas nos seus cumes arredondados. Consoante as mudanças do tempo assim parece mármore ou água do mar, negro como a ardósia no nevoeiro, branco como calcário sob a luz do Sol. Hoje parecia a imagem de si próprio refletida em águas profundas, branco e em forma de cúmulo no cimo, com distorções cavernosas na base. Os dois homens ficaram a olhá-lo fixamente.

Então, Rubin disse:

— O seu pai já foi tomar o pequeno-almoço, o velho senhor.

— Ah, sim? Passou-me à frente, hoje?

— A camisa que você traz é um espetáculo — disse Ruby. —
Donde é? Da Saks?

— Não, é uma *Jack Fagman* — Chicago.

Mesmo quando estava deprimido, Wilhelm conseguia franzir a testa de uma forma agradável. Alguns dos movimentos lentos e silenciosos do seu rosto eram muito atraentes. Deu um passo atrás, como que para se afastar de si próprio e ver melhor a camisa. O seu olhar era cómico, um comentário ao seu desmazelo. Gostava de usar boas roupas, mas, sempre que as vestia, cada peça parecia adquirir vida própria. Wilhelm, rindo, arfou um pouco; os seus dentes eram pequenos; as maçãs do rosto, quando ria, inchavam e arredondavam-se, e parecia bastante mais novo. Nos velhos tempos, quando era um caloiro da universidade e usava um casaco de pele de guaxinim e um gorro na grande cabeça loura, o pai costumava dizer que, grande como era, podia encantar um pássaro numa árvore. Wilhelm ainda tinha muito encanto.

— Gosto desta cor cinzenta — disse, com o seu ar sociável e simpático. — Não é lavável. Tem de se mandar para a lavandaria. Nunca cheira tão bem como se fosse lavada. Mas é uma bela camisa. Custa dezasseis, dezoito dólares.

Esta camisa não fora comprada por Wilhelm; fora um presente do patrão — do ex-patrão, com quem tivera uma zanga. Mas não havia razão para contar a história a Rubin. Embora Rubin talvez soubesse — Rubin era o tipo de homem que sabia, e quanto sabia! Wilhelm também sabia muitas coisas acerca de Rubin, já que se fala nisso, acerca da mulher de Rubin e do negócio de Rubin, da saúde de Rubin. Nada disso podia ser referido, e o enorme peso do que se não fala deixava-lhes pouco acerca de que conversar.

— Bem, você parece fino, hoje — acrescentou Rubin.

E Wilhelm disse alegremente: Pareço? Acha mesmo? Não acreditava. Via a sua imagem refletida no armário de vidro cheio de caixas de charutos, entre os grandes emblemas e o papel adamsado e os retratos gravados a ouro de homens famosos, Garcia, Eduardo VII, Ciro, *o Grande*. Tinham de se descontar a escuridão e as deformações do vidro, mas pensou que não parecia lá muito bem. Uma grande ruga, semelhante a um enorme parêntese, estava inscrita na sua fronte, no ponto entre as sobrancelhas, e tinha manchas castanhas na sua pele de louro-escuro. Começou a ficar semidivertido com a sombra dos seus olhos espantados, apreensivos, desejosos, e com as suas narinas e os seus lábios. Um hipópótamo de cabelos claros! — era assim que aparecia a seus próprios olhos. Viu um enorme rosto redondo, uma boca vermelha, grande e risonha, dentes pequenos. E também o chapéu; e o charuto. Deveria ter trabalhado duramente ao longo da vida, pensou. Um trabalho honesto e pesado que nos esgota e nos faz dormir. Teria exaurido a minha energia e sentir-me-ia melhor. Em vez disso, tive de me tornar diferente... e, no entanto...

Desenvolvera um enorme esforço, mas isso não era o mesmo que trabalhar duramente, pois não? E se, na juventude, escolhera o caminho errado, isso devera-se a este mesmo rosto. No início da década de 30, por causa da sua aparência atraente, fora, durante um breve período, considerado uma promessa no mundo das vedetas e partira para Hollywood. Ali, tentou, teimosamente, durante sete anos, tornar-se estrela de cinema. Mas, antes de transcorrido esse lapso de tempo, já a sua ambição ou ilusão se tinham extinguido; contudo, permanecera na Califórnia por orgulho e

talvez também por preguiça. Por fim, virou-se para outras coisas, mas aqueles sete anos de persistência e derrota tinham-no incapacitado de alguma forma para o mundo dos negócios e já era muito tarde para se iniciar numa profissão. Atingira a maturidade com lentidão, perdera terreno e, por isso, não conseguira libertar-se da sua energia e estava convencido de que fora essa mesma energia que lhe causara os maiores danos.

— Não o vi no jogo de *gin*, ontem à noite — disse Rubin.

— Tive de faltar. Que tal correu?

Durante as últimas semanas, Wilhelm jogara *gin* quase todas as noites, mas ontem sentira que não podia dar-se ao luxo de perder mais. Nunca ganhara. Nem uma vez. E, embora as perdas fossem pequenas, não eram ganhos, pois não? Eram perdas. Estava cansado de perder e cansado também da companhia e, por isso, fora sozinho ao cinema.

— Oh — disse Rubin —, correu bem. Cari fez figura de parvo a gritar com os outros. Só que, desta vez, o Dr. Tamkin não lhe perdoou: disse-lhe qual era o motivo psicológico subjacente.

— E qual era?

Rubin retorquiu:

— Não consigo citar exatamente. Quem o faria? Você sabe como o Tamkin fala. Não me pergunte. Quer o *Trib*? Não vai ver as cotações de fecho?

— Não lucro grandemente em ver. Sei quais eram às três da tarde de ontem — disse Wilhelm —, mas penso que é melhor ficar com o jornal.

Parecia que, para meter a mão dentro do bolso do casaco, precisava de levantar um ombro. Lembrava-se de que deixara lá cair algumas moedas para o meio das carteiras de comprimidos, pontas de cigarro esmagadas e tiras de celofane, as fitas vermelhas dos maços que por vezes usava para limpar os intervalos dos dentes.

— Não me parece tão bom assim — retorquiu Rubin. Queria parecer brincalhão, mas a sua voz não tinha entoação e os seus olhos, baços e quase fechados, viraram-se para outro lado. Não queria saber. Para ele, era igual. Talvez já soubesse, uma vez que era o tipo de homem que sabe tudo.